

SEG. Joaquim Ferreira dos Santos, TER. Leo Aversa, QUA. Ana Paula Lisboa (quázenal), MÃRTHA Batalha (quázenal), QUL. Cora Rónai, SEX. Ruth de Aquino, SÁB. José Eduardo Agualusa, DOM. Artur Xexéo

CORA RÓNAI



coral.wordpress.com
coral@oglobo.com.br



No país dos adélios

O mundo anda escasso de boas notícias, mas a semana começou bem: os principais grupos de mídia do país decidiram suspender temporariamente a cobertura do convésote de malucos do Palácio da Alvorada. Já não era sem tempo. Não faz o menor sentido submeter repórteres às humilhações constantes do presidente e da sua cla-

que de imbecis ameistrados, numa situação cada vez mais perigosa para os jornalistas.

Escrevo “imbecis ameistrados” na falta do termo clínico correto para descrever os cidadãos que frequentam o chiqueirinho do ódio. Olhando de longe parecem fã, mas quando se fecha o foco sobre o grupo o que se vê, salvo raríssimas exceções, são pessoas fora de si, altamente descompensadas. É um bando de adélios em potencial, instigado por um psicopata.

Para a notícia ser ótima de verdade, porém, a suspensão não devia ser temporária, mas permanente. E me pergunto se não seria melhor ainda estendê-la a todos os locais frequentados pelo senhor Messias. Afinal, é perfeitamente possível cobrir os fatos sem ter de suportar a sua belicosa presença.

Tenho uma fantasia de quarentena. Acho que a imprensa deveria pura e simplesmente boicotá-lo. Uma presidência sem qualquer cobertura jornalística. Ia ser estranho? Ia. Nunca se fez? Nunca. Mas ia ser uma forma eloquente e didática de protesto.

Ia ser interessante observar a reação de Bolsonaro à ausência de qualquer veículo

de mídia sério, zero jornalistas de respeito à sua volta — a qualquer hora, em qualquer dia e lugar, e não só na saidinha do palácio.

Viajou? Dane-se, vá sozinho, ninguém cobre. Inaugurou ponte? Leve a sua meia dúzia de deputados de bolso e solte no Twitter.

Quer assinar documentos, receber ministros, fazer visitinhas inconvenientes a autoridades? Peça ao ansepeçada para gravar com o celular e ponha no Facebook.

Uma presidência sem qualquer cobertura jornalística ia ser estranho. Mas ia ser uma forma eloquente e didática de protesto

Sim, eu sei — um dos papéis relevantes que a imprensa presta ao país é mostrá-lo continuamente, expondo a sua falta de educação e de sentimentos, a sua ignorância, o seu despreparo, a sua arrogante boçalidade.

Mas sonho: um noticiário sem a sua imagem e sem a sua voz.

Ele não seria eliminado das notícias, é claro — ainda é, infelizmente, o presidente do país. Apenas perderia o palanque oficial que a mídia, ainda que a contragosto, pro-

porciona. A sua história seria contada por terceiros. Ele não teria mais o prazer de se ver refletido nas telas das emissoras, ou estampando as páginas dos jornais.

O nível da quarentena ia melhorar muito.

“Conversa com Bial” vai ao ar tarde, quando muita gente já está dormindo; mas esse tem sido um dos programas essenciais da temporada. Isolado em casa, Bial conversa com gente igualmente isolada — e, de repente, o que era um programa de entrevistas vira uma conversa entre amigos. Deixamos de ser espectadores e passamos a ser confidentes. Sem o aparato intimidador do estúdio, sem maquiagem, sem plateia, celebridades mostram-se pessoas. O episódio com William Bonner, que foi ao ar na terça-feira (mas que está disponível, como os demais, no GloboPlay) é tão perturbador quanto histórico: ali está o narrador da história recente do Brasil, tão desalentado e abatido quanto qualquer um de nós, constatando que nos tornamos, definitivamente, um país bruto e canalha.

PÓS-COVID COMO SERÁ VOAR DE NOVO

DISTANCIAMENTO em aeroportos, máscaras nos aviões e serviço de bordo enxuto serão heranças da pandemia



Cada um na sua. No Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, assentos bloqueados garantem um espaço maior entre os passageiros

BOA VIAGEM

EDUARDO MAIA
email@oglobo.com.br

No seu próximo voo, você provavelmente precisará chegar ainda mais cedo ao aeroporto, apesar de já ter feito o check-in pela internet. Além do raio-X, terá que passar por medidores de temperatura e, claro, deverá usar máscaras. Dentro do avião, pode ser que encontre comissários de bordo com aparatos como luvas, máscaras ou mesmo macacões especiais. Quando a turbulência do novo coronavírus passar, como será viajar de avião? A seguir, algumas respostas.

Todos de máscaras

O dress code da viagem aérea já mudou tantas vezes e agora terá um item a mais: a máscara. Atualmente, boa parte das companhias aéreas exige que os passageiros usem a proteção facial. Para o professor Francisco Conejero Perez, do curso de Aviação Civil da Universidade Anhembi Morum-

bi, as pessoas continuarão cobrindo o rosto mesmo sem a obrigatoriedade:

— A pandemia vai mudar alguns hábitos, e o uso de máscaras será um deles. Não consigo mais imaginar ninguém num avião ou aeroporto sem a proteção.

Ele também considera que a peça continuará parte integrante do uniforme de comissários de bordo e de outros funcionários que lidam diretamente com o público.

Embarque tecnológico

A Associação Internacional de Transporte Aéreo (Iata) tem orientado a adoção ainda mais disseminada de terminais de autoatendimento para despacho de bagagens, check-in pela internet e cartões de embarque apenas via celular.

— A tecnologia estará muito mais presente no cotidiano dos passageiros. A pandemia vai acelerar, por exemplo, a implementação do embarque por reconhecimento facial — acredita Simone Mendonça, gerente de operações de terminais do Galeão, no Rio.

Ela conta que o aeroporto está desenvolvendo um app que vai permitir o pagamento do estacionamento pelo celular.



De passagem. Scanner mede a temperatura de pessoas no Aeroporto Internacional Ben Gurion, em Israel

Novos hábitos

Novas regras de segurança sanitária vieram para ficar. Todos os passageiros terão sua temperatura medida, individualmente ou por scanners. As bagagens precisarão passar por uma limpeza especial, assim como os próprios aviões. Tudo isso deverá tornar o processo de embarque ainda mais lento. Então, é preciso ter paciência, chegar com ainda mais antecedência ao aeroporto e, ainda assim, evitar as aglomerações.

Para isso, será necessário respeitar os espaços entre as

pessoas nas filas, com as demarcações que estão sendo feitas no chão, e nos salões, onde muitas cadeiras já estão bloqueadas. Longas despedidas e calorosas recepções no embarque e desembarque podem ficar menos frequentes também.

Dentro do avião

Segundo o presidente da Associação Brasileira de Empresas Aéreas (Abear), Eduardo Sanovicz, o serviço de bordo deverá mudar.

— Algumas possibilidades estão sendo estudadas. Em voos domésticos, o passa-

geiro poderá receber o lanche num saquinho, no momento do embarque. Nas rotas internacionais, o serviço de bordo pode ficar mais enxuto, oferecido numa caixinha, e de forma intercalada, para que pessoas da mesma fileira não comam ao mesmo tempo.

Voar vai ficar mais caro?

De um lado, custos adicionais com novos procedimentos de higiene. Do outro, um mercado em busca de recuperação. O professor e pesquisador do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), Alessandro Oliveira, explica que teremos dois momentos distintos em relação aos preços das passagens aéreas:

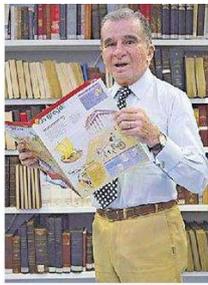
— As companhias aéreas vão testar o mercado. Se a demanda demorar a se recuperar, a curto e médio prazos, a tendência é reduzir preços para preencher a ociosidade dos aviões. A longo prazo, com a normalização da procura, uma malha mais enxuta e sem a previsão de entrada de companhias estrangeiras, ou seja, menos concorrência, é possível que os preços fiquem mais altos.

Murilo Melo Filho/ JORNALISTA, 91 ANOS

Prodígio da notícia e acadêmico exemplar

Ocupante da cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras desde 1991, quando sucedeu o general Aurélio de Lyra Tavares, Murilo Melo Filho descobriu

exerceu sua vocação bem cedo. Aos 12 anos, em Natal, já escrevia para o caderno de esportes do "Diário de Natal". Na capital potiguar, ele trabalhou ainda em "A ordem", "A Repú-



Imortal. Aos 12, já escrevia em jornal

na. Ele também trabalhou em Natal e Poti.

Aos 18, o jornalista prodígio se mudou para o Rio, onde trabalhou como repórter de polícia no "Correio da Noite", e depois passou por "Tribuna da Imprensa", "Jornal do Commercio", "Estado de S. Paulo" e "Manchete". Lá, escreveu a seção "Posto de escuta" por 40 anos.

Ele cobriu a Guerra do Vietnã, em 1967, e foi o primeiro jornalista brasileiro a acompanhar a Guerra do Camboja.

Em 1970, foi apresentador do programa político "Congresso em Revista", da TV-Rio, que ficou no ar por sete anos.

O imortal potiguar, que chegou a se formar em Direito e advogou por sete anos, ainda morou em Brasília entre 1960 e 1965, onde construiu a sede da Bloch Editores e da Manchete, além de ter dado aula de técnica de jornalismo na Universidade de Brasília.

Presidente da ABL, Marco Lucchesi lembra de Murilo

como um dos grandes jornalistas brasileiros da segunda metade do século XX e um "acadêmico exemplar, de alta sensibilidade humana, voltada sobretudo para os mais vulneráveis e desprovidos".

Murilo Melo Filho morreu na manhã de ontem, no Rio, aos 91 anos, de falência múltipla dos órgãos. Seu corpo foi sepultado no mausoléu da ABL, no Rio, mas, por conta das restrições impostas pela pandemia de coronavírus, não foi possível realizar velório.